

SAÚDE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS¹

HEALTH AND PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOL: CONSTRUCTIONS AND RECONSTRUCTIONS IN TEACHER TRAINING

SALUD Y EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR: CONSTRUCCIONES Y RECONSTRUCCIONES EN FORMACIÓN DOCENTE

Rodrigo de Souza Santos¹
Cristiano Mezzaroba²
Maria Edivania Alves dos Santos³

Resumo: O presente texto tem o objetivo de apresentar uma experiência pedagógica e formativa ocorrida em plena pandemia de covid-19, diante do modo remoto, e discutir as contribuições formativas da disciplina “Saúde, Sociedade e Educação Física”, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A metodologia de pesquisa consistiu na aplicação de questionários *online* por meio da plataforma Google Forms, observação participante e diário de campo. Os resultados apontam que a disciplina apresenta uma importante mediação formativa para as mudanças de concepção e ampliações dos olhares dos sujeitos acerca da temática saúde no âmbito do processo de formação de professores e professoras de Educação Física Escolar, contribuindo para novas perspectivas de ensino em sua atuação docente.

Palavras-chave: Educação. Formação Docente. Saúde. Saúde Coletiva. Tecnologias.

Abstract: The current text aims to present a pedagogical and formative experience which happened amidst the COVID-19 pandemic, in the face of the remote mode, and discuss formative contributions of the discipline “Health, Society and Physical Education”, of the Degree in Physical Education of the Federal University of Sergipe (UFS). The research methodology consisted of the application of online surveys via Google Forms platform, participant observation and field diary. The results indicate that the discipline presents an important formative mediation for the changes of conception and expansion of the subjects’ perspectives regarding the health theme in the context of the training process of physical education teachers, contributing to new teaching perspectives in their performance.

Keywords: Education. Teacher Training. Health. Collective Health. Technologies.

Resumen: El presente texto posee el objetivo de presentar una experiencia pedagógica y formativa que se dio en medio de la pandemia del covid-19, frente a la modalidad a distancia y discutir las contribuciones formativas de la asignatura “Salud, Sociedad y Educación Física” de la Licenciatura en Educación Física de Universidade Federal de Sergipe (UFS). La metodología de investigación consistió en la aplicación de cuestionarios on-line por la plataforma Google Forms, observación participante y diario de campo. Los resultados indican que la asignatura presenta una importante mediación formativa para los cambios de concepción y ampliaciones de las perspectivas de los sujetos sobre el tema de la salud en el

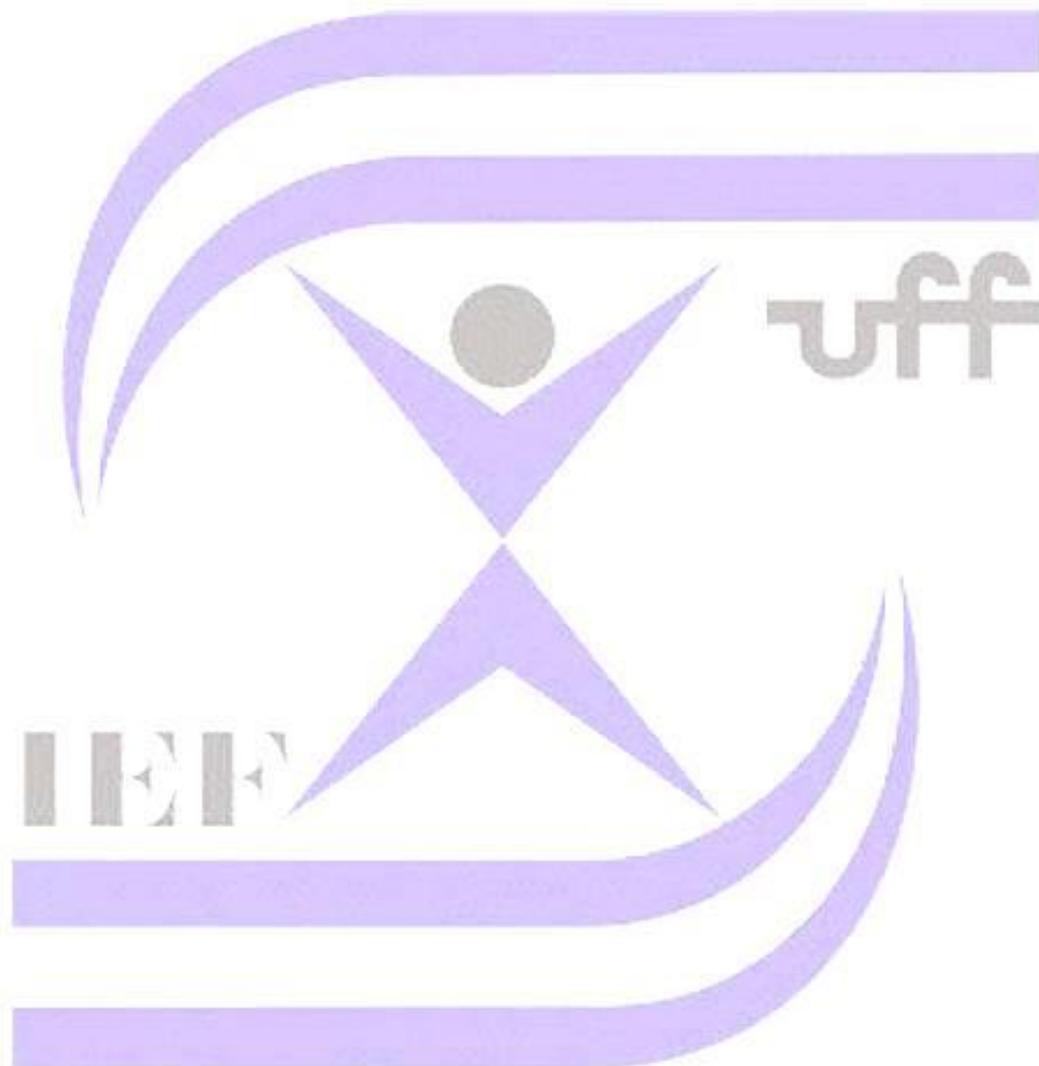
¹ Mestre em Educação (PPGED/UFS), Universidade Federal de Sergipe. rodrigodesouzastos@gmail.com.

² Doutor em Educação (PPGE/UFSC), Professor do Departamento de Educação Física e do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (DEF/PPGED/UFS). cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br.

³ Mestra em Educação (PPGED/UFS), Universidade Federal de Sergipe. mariaedivania22@hotmail.com.

contexto de formación docente de Educación Física Escolar, aportando nuevas perspectivas didácticas en sus actividades docentes.

Palabras clave: Educación. Formación Profesor. Salud. Salud pública. Tecnologías.



1 INTRODUÇÃO

A saúde e a qualidade de vida são historicamente tratadas como uma das principais justificativas para a legitimidade da inserção das aulas de Educação Física (EF) nas escolas. Com o passar dos anos, principalmente as sociedades ocidentais se apropriaram de discursos que mencionam uma importância acentuada da prática de atividade física concomitante a uma boa alimentação para se “ter saúde”, notadamente a partir de uma concepção estritamente biológica, biomédica e individualizante.

Embora ocorra um movimento acadêmico que denuncia que esse discurso do binômio atividade física e saúde é superficial (PALMA, BAGRICHEVSKY E ESTEVÃO, 2003), e que, ao mesmo tempo, visualizamos um conjunto de agentes do campo da EF brasileira que alertam sobre a necessidade de ampliar compreensões quanto às relações que envolvem EF e saúde, a partir de uma perspectiva ampliada (CARVALHO, 2009; DEVIDE, 2002; FREITAS, 2007; PALMA, 2001; FRAGA & WACKS, 2007; BAGRICHEVSKY, PALMA E ESTEVÃO, 2003; 2006; BAGRICHEVSKY, PALMA E ESTEVÃO, 2006; MEZZARROBA, 2012a, 2012b; OLIVEIRA, 2022), no contexto escolar e também formativo ainda constatamos discursos e práticas pedagógicas que são reféns dessa problemática.

Para que essa concepção com características higienistas da EF escolar possa ser diversificada, ampliada e até que sejam apresentadas alternativas, devemos nos atentar à formação inicial docente. Uma possibilidade seria colocar à disposição de alunos e alunas, futuros professores e professoras, novas concepções teóricas e conceituais acerca da saúde, da saúde pública e da saúde coletiva.

Entretanto, essa não é uma missão tão simples. De forma geral, os/as jovens que chegam aos cursos de Licenciatura em EF carregam consigo as “marcas do passado”, ou seja, as continuidades, expressas pelas experiências anteriores das suas aulas de EF ao longo de mais de uma década na trajetória da Educação Básica (considerando aqui ensino fundamental e médio). As aulas de EF ainda carregam consigo alguns modelos bem definidos, como a ideia da aula ser necessariamente “uma prática” ou que seja “movimentação corporal”, criando uma aversão às aulas consideradas “teóricas”, por exemplo.

Existe ainda, de forma hegemônica, a ideia de que as aulas de EF, na escola, sejam compostas exclusivamente por práticas esportivas (com ênfase nas quatro modalidades principais: futebol, voleibol, basquetebol e handebol), criando um imaginário social de que a EF escolar seja sinônimo de esporte, implicando em uma

forma restrita de tematizar apenas algumas modalidades esportivas (enfaticamente o futebol, no caso brasileiro).

Tal constatação foi confirmada em estudo de Silva, Caparróz e Almeida (2015). Estudantes em formação inicial na EF criaram expectativas quanto ao curso ser voltado para as atividades práticas, centradas em um discurso médico/militar e esportivo, conseqüentemente, reduzindo as possibilidades de problematizar a cultura corporal e seus subtemas. Ademais, dentro desse contexto, ainda existe a limitação de não ampliar o trato com a diversidade que o universo esportivo nos apresenta enquanto possibilidade pedagógica, com meninos “praticando” futebol em toda sua trajetória escolar nas aulas de EF, enquanto as meninas jogam vôlei.

Essas experiências limitantes quanto à cultura corporal de movimento (BRACHT, 1999) acabam se sedimentando ao longo da trajetória escolar e refletindo nas ideias de jovens que adentram o curso de Licenciatura em EF, influenciando sua percepção inicial acerca do rol de disciplinas que irão cursar e as expectativas que os mesmos possuem quanto à sua atuação neste campo de saber e intervenção, ou seja, o que farão futuramente enquanto professores(as) de EF.

Tal fato também se confirma neste relato de experiência que ora apresentamos, em que procuramos abordar modos de ensino e aprendizagem ocorridos durante a pandemia de covid-19, com jovens estudantes cursando Licenciatura em EF da Universidade Federal de Sergipe (UFS), matriculados na disciplina “Saúde, Sociedade e Educação Física” que ocorreu no segundo semestre de 2021 no chamado “modo remoto emergencial” (com aulas síncronas e assíncronas).

Nas conversas iniciais com os/as participantes, identificamos uma percepção bastante forte e recorrente de que a disciplina teria como função tematizar apenas a saúde física ou orgânica, com uma visão inicial pautada no entendimento de que saúde seria a ausência de doenças, o que se configurada com uma perspectiva de senso comum ao adentrar no curso de Licenciatura em EF.

Mantovani, Maldonado e Freire (2021) realizaram um estudo de revisão integrativa com o objetivo de analisar a produção científica sobre as relações entre EF e saúde, com o intuito de compreender como os temas vêm sendo discutidos nas pesquisas e se concretizado na escola. Os autores analisaram 41 publicações em periódicos científicos das áreas de Educação e EF e identificaram que a maioria dos estudos apresentam uma perspectiva biológica/instrumental e reduzida do conceito de saúde e de EF.

Esses dados da pesquisa em tela também indicam uma interferência na ação pedagógica que valoriza os determinantes biológicos para a condição de saúde, centrados na mudança de comportamento e culpabilização do sujeito sobre a ausência de saúde. Com tais achados, os autores/as demonstram a necessidade de problematizar a relação saúde/EF na formação inicial de professores.

Diante desse cenário, o principal desafio na formação de professores e professoras de EF é mostrar que existem diversas possibilidades que envolvem conceitos, temas e conteúdos a serem trabalhados e explorados na sala de aula.

Precisamos considerar que para muitos desses jovens, para os quais a pluralidade e diversidade de saberes/fazerem que envolvem a cultura corporal de movimento podem ter sido negados nas suas trajetórias escolares, a mediação acadêmica-formativa poderá se concretizar como possibilitadora e potencializadora em implicar, posteriormente, uma EF escolar que se configure como componente curricular obrigatório que se legitime, seja na escola ou mesmo na universidade.

Assim, o texto em questão tem como objetivo apresentar uma experiência pedagógica e formativa ocorrida em contexto pandêmico diante das implicações do vírus SARS-Cov-2 (pandemia covid-19), diante da necessidade de, educacionalmente, trabalharmos naquilo que ficou conhecido como “modo remoto”, e discutir as contribuições formativas da disciplina “Saúde, Sociedade e Educação Física”, do curso de Licenciatura em EF da Universidade Federal de Sergipe.

Esta experiência ocorreu durante o segundo semestre letivo de 2021 (agosto a dezembro), ainda em contexto de ensino remoto emergencial, portanto, possuindo algumas particularidades, como a distância física entre professor e alunos/as, e as aulas ocorrendo, de forma *on-line*, por meio das telas, da internet e de plataformas digitais (como *Google Meet* e *Google Classroom*), ou seja, com o auxílio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

Consideramos que as tecnologias foram importantes aliadas na construção e realização da disciplina, tanto para contato com os alunos, como para a mobilização de materiais e momentos para as aulas, bem como com os filmes e documentários exibidos/trabalhados e a participação de convidados de outros estados em forma remota. Entretanto, não podemos deixar de destacar, também, as suas fragilidades, como a inviabilidade de acesso à internet por alguns alunos/as e dificuldades de utilização.

Além de todas essas problemáticas, é importante mencionar que este período histórico – pandêmico, ainda em 2022 – para além das dificuldades sanitárias, tem se

caracterizado, no Brasil, como sendo de intensos problemas sociais, políticos e econômicos, repercutindo na educação, na formação, na saúde pública, na cultura, nas representações democráticas, nas perdas de direitos etc., configurando-se como “cenário ideal” para se pensar/discutir questões que envolvem saúde e as possibilidades da EF (escolar e extra escolar) a partir do contexto ampliado proporcionado pelas intersecções com a saúde coletiva.

Para darmos conta de nosso intento, o texto que segue está estruturado de modo a trazer uma apresentação e contextualização sobre a disciplina “Saúde, Sociedade e Educação Física” da UFS, expondo suas potencialidades formativas, aspectos metodológicos da pesquisa e a experiência realizada, com os dados encontrados e analisados, bem como, as considerações finais. A seguir, veremos como ocorreu toda essa trajetória formativa, com dificuldades, possibilidades e aprendizados.

2 POTENCIALIDADES FORMATIVAS NA DISCIPLINA “SAÚDE, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA”: METODOLOGIA E EXPERIÊNCIA EM FOCO

A disciplina “Saúde, Sociedade e Educação Física” consta no currículo do curso de Licenciatura em EF da UFS desde 2010. Ela foi pensada a partir da cisão formativa ocorrida na EF brasileira no começo dos anos 2000, que criou duas formações específicas, a de licenciado (com ênfase na EF escolar) e a de bacharel (com ênfase nas mais diversas áreas, como esporte e saúde, mas não envolvendo o contexto escolar).

Pautada pelos saberes das ciências humanas e sociais interseccionados ao campo pedagógico e sociocultural da EF brasileira, a referida disciplina tem tido como foco a tematização, reflexão e diálogos quanto à saúde em seu conceito ampliado (não exclusivamente biológico, mas também, sociológico, filosófico, antropológico, político etc.). Assim, tem estimulado, ao longo desses anos, algumas produções dela decorrentes, como em Mezzaroba (2012a; 2012b) e Barros *et al* (2013), reafirmando que novas articulações e proposições são possíveis ao contexto da EF escolar, também quando pensamos a histórica relação com a saúde.

Metodologicamente, a disciplina foi composta por uma carga horária de 60h na modalidade remota. Os encontros foram distribuídos em síncronos, correspondendo a 40% das aulas (ao mesmo tempo, *on-line*, mas cada um conectado em sua própria residência a partir de dispositivos tecnológicos próprios), por meio da plataforma

*Google Meet*², e 60% das aulas foram assíncronas (em que os alunos/as se organizavam para cumprir as atividades de acordo com suas próprias agendas, em horário adequado/possível a cada um/a). As atividades propostas, foram previamente definidas pelo professor responsável e estagiário, contemplando: leituras de textos e reportagens relacionados a temática; o uso de filmes e materiais audiovisuais diversos (por exemplo, reportagens do Canal Saúde, da Fiocruz, entre outros); e, elaboração de relatórios e textos. Para suporte acadêmico foram utilizadas as plataformas *Google Classroom*³ e SIGAA-UFS⁴.

O objetivo da disciplina, de acordo com o plano de curso, é apresentar, discutir e refletir as possibilidades da temática “saúde” com o licenciando(a) em EF. A partir disso, relacionar os elementos desta temática com sua área de formação e de intervenção, tendo como referencial central as questões da sociedade, contribuindo, assim, para uma aproximação do acadêmico/a com as discussões das ciências humanas e sociais e sua inter-relação com a EF Escolar. Na perspectiva de ampliar o olhar para as possibilidades didático-pedagógicas.

Ministrada por um dos autores deste texto e, desta vez, com a presença de um mestrando realizando seu Estágio Docência (também autor deste texto), articulamo-nos no sentido de pensar em uma forma de acompanhar o processo formativo dos sujeitos envolvidos naquele semestre. Nesse contexto, enquanto experiência etnográfica virtual, realizada do início ao fim da disciplina, a partir de: registros e de anotações diversas; aplicação de dois instrumentos de coleta de dados em forma de questionários *online*; e, utilizando a plataforma *Google Forms*⁵.

Inicialmente a disciplina estava constituída com a presença do professor responsável, do mestrando em Estágio Docência e um total de 15 alunos e alunas do curso de Licenciatura em EF, sendo 10 homens e 05 mulheres, com faixa etária compreendendo dos 19 aos 60 anos e média de idade de 23,5 anos. Segundo dados coletados, 07 desses jovens relataram ter estudado em escola pública, 06 deles em escola particular e 02 jovens informaram terem estudado em ambas as redes (pública e privada). A grande maioria deles estava no 2º período do curso, portanto, jovens em contexto bastante inicial da formação de professores de EF.

No decorrer do semestre, pelos mais diversos motivos, próprios também do fenômeno pandêmico e do modo remoto, ocorreu uma diminuição do quantitativo de alunos. A presença assídua se dava em torno 8 alunos/as, o que evidencia uma dificuldade de manutenção acadêmica do ensino remoto emergencial (eram 21

alunos/as matriculados, com 15 aparecendo nas primeiras aulas, finalizando com 12 alunos/as aprovados/as).

O primeiro questionário⁶ foi aplicado ainda antes do início da disciplina, em agosto de 2021, com a intenção de coletar as percepções e expectativas de aprendizado desses jovens matriculados. Já o segundo questionário⁷ foi aplicado após a finalização das atividades da disciplina, com a intenção de compreender as contribuições de seus conteúdos e discussões na formação inicial desses/as participantes sobre a perspectiva de trabalho com a temática da saúde em sua perspectiva ampliada, além de procurar identificar e refletir quanto às dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento das atividades nas aulas (síncronas e assíncronas) durante o semestre letivo remoto.

Iniciamos as aulas apresentando a disciplina e buscando entender um pouco mais quais eram as experiências dos/as alunos/as com relação ao curso de EF, até aquele presente momento. Também foi entregue, apresentado e explicado o plano de curso, principalmente em relação às atividades avaliativas propostas para o período, sintetizadas no quadro 1:

Quadro 1 – Atividades avaliativas da disciplina

Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
Assistência a três filmes, com elaboração de comentários críticos aos filmes da Sessão “Cinema e Saúde”	Relatório das três atividades “Conversas com convidados – Saúde, Sociedade e Educação Física: contexto brasileiro”	Ensaios acadêmicos em pequenos grupos, tematizando as discussões da disciplina com temáticas diversas

Fonte: Plano de ensino da disciplina (2021).

Na Atividade 1, os jovens participantes deveriam escrever um breve relato crítico (máximo duas laudas), sobre as sessões temáticas dos filmes e documentários trabalhados na disciplina: (1) Políticas de Saúde no Brasil: um século de luta pelo direito à saúde (Ministério da Saúde/FIOCRUZ, Brasil, 2006), (2) *Super Size Me* (A dieta do palhaço, do diretor Morgan Spurlock, EUA, 2004), e (3) *Bigger, Stronger, Faster* (Maior, mais forte, mais rápido, do diretor Chris Bell, EUA, 2008).

Na Atividade 2 – Conversas com convidados – Saúde, Sociedade e Educação Física: contexto brasileiro – os alunos e alunas tiveram a oportunidade de ouvir três professores e professoras convidado(as) para debater temas e experiências no campo da EF brasileira que tratassem as inúmeras relações entre saúde e EF.

Assim, nos dias 27 e 28 de setembro, o Prof. Dr. Edgard Matiello Júnior/UFSC participou abordando as relações históricas e contemporâneas entre EF & Saúde, a partir da Saúde Coletiva; no dia 18 de outubro, a Profa. Ms. Flávia Cristina S. M. Silveira/Estácio-SE participou trazendo suas experiências na EF articulando a perspectiva ampliada de saúde no estado de Sergipe; e no dia 26 de outubro, foi a vez da Profa. Dra. Renata Veloso de Andrade Vasconcelos/UNIVERSITAS/RJ e SME/RJ, que tratou sobre as relações entre promoção da saúde e práticas corporais.

A partir dessas participações, os(as) alunos(as) deveriam escrever um breve relatório acerca desses três momentos de aprendizagem. Tanto para a elaboração desses relatórios da Atividade 2, como também para a Atividade 1 (Sessão Cinema e Saúde), foram disponibilizados os horários de aulas assíncronas, e ambas as atividades foram realizadas de forma individual.

Na Atividade 3, referente aos ensaios acadêmicos, única realizada em pequenos grupos, os participantes da disciplina deveriam produzir um texto em formato de ensaio acerca do tema central “Saúde, Sociedade e Educação Física – a experiência social de viver na/com a pandemia”. Como forma de auxiliar as reflexões, foram disponibilizados alguns subtemas (Quadro 2), com o intuito de facilitar a construção do texto e ampliar as percepções de reflexão sobre a temática.

Quadro 2 – Subtemas possíveis na construção do ensaio acadêmico

Valores Humanos	Ciência	Esporte
Tecnologias	Política (Governos)	Religião
Cultura	Academias/EF	Mídia
Saúde x Doença	Educação	<i>Fake News</i>

Fonte: Plano de ensino da disciplina (2021).

Partindo de uma perspectiva ampliada das concepções teóricas e conceituais acerca do tema saúde, os subtemas discutidos na formação inicial serão trabalhados pelo futuro professor/professora de forma direta ou indireta no contexto escolar. Os temas contidos no quadro 2 dialogam com os determinantes em saúde (biológicos, sociais, comportamentais, econômicos, ambientais e políticos) que definem a condição de saúde da população (CALDAS *et al.*, 2021).

Segundo o Centro de Estudos, Políticas e Informação da Ensp-Fiocruz⁸, os Determinantes Sociais da Saúde (DSS) são:

[...] um conjunto de acontecimentos, fatos, situações e comportamentos da vida econômica, social, ambiental, política, governamental, cultural e subjetiva que afetam positiva ou negativamente a saúde de indivíduos, segmentos sociais, coletividades, populações e territórios. (CENTRO DE ESTUDOS, POLÍTICAS E INFORMAÇÃO DA ENSP-FIOCRUZ, s/d).

Em estudo realizado por Caldas *et al.* (2021), os autores identificam a relevância dos determinantes sobre a saúde e o desenvolvimento de patologias. Por meio de uma revisão sistemática da literatura, em trabalhos publicados entre 2016 e 2021, em revistas da área da saúde (*MEDLINE, LILACS e SCIELO*) totalizando uma amostra de 11 produções, observaram que o principal determinante sobre a saúde e doença foi o grau de escolaridade da população. Tal dado demonstra a importância para ampliar o olhar sobre o tema da saúde e sua relação com a EF escolar com professores e professoras em formação inicial, uma vez que uma perspectiva reduzida da saúde na educação básica não permitirá problematizar a temática de forma crítica e reflexiva.

3 SAÚDE, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando questionamos os jovens acerca das expectativas de aprendizado da disciplina, logo observamos como as ideias acerca da prática da atividade física está diretamente relacionada à saúde, confirmando um senso comum bastante presente no campo da EF, configurado como o discurso da monocausalidade. Por outro lado, consideramos como um fator positivo o grau de abertura evidenciado pelos participantes quanto às suas demonstrações para aprender uma alternativa a compreender, tensionar e ampliar essa concepção monocausal entre atividade física e saúde.

Sobre a importância da formação de futuros professores de EF em relação com a saúde, Mezzaroba (2012a) destaca que:

Defender o discurso de que “exercício é saúde” em determinado contexto sociocultural pode ser um grande equívoco por parte de professores de EF, já que este discurso que liga a causa (fazer atividade física) a um efeito (gerar saúde), o conhecido discurso da causalidade, é algo reducionista e problemático (MEZZAROBA, 2012a, p. 235).

Percebemos que esses jovens estavam curiosos com as possíveis descobertas, principalmente no que diz respeito às inúmeras relações possíveis entre saúde,

sociedade e EF. De início, percebemos em seus imaginários a visão de que esses três campos se relacionam visando uma melhora na saúde da sociedade por meio da EF, ou seja, a EF enquanto uma mediação prática (pela atividade física, pelos exercícios físicos, pelo esporte, pelas práticas corporais diversas) que automaticamente implica em melhora da saúde (física, biológica) do conjunto populacional das sociedades.

Nesse sentido, percebemos também que muitos desses alunos se consideravam saudáveis única e exclusivamente pelo fato de praticarem atividade física e, segundo eles, possuem uma alimentação saudável, excluindo dessa compreensão outros importantes determinantes sociais da saúde. Fato que pode ser considerado comum, afinal, é esta visão que prevalece nos meios de comunicação de massa. A mediação nessa disciplina também é importante para a transformação da visão bastante forte no imaginário social. Por isso, devemos nos atentar às questões ampliadas de saúde na formação, suscitando outros aspectos na mediação formativa, conforme sustentam Loch, Rech e Costa (2020):

Especificamente sobre a formação de professores de EF, acreditamos ser possível trabalhar questões relativas à, por exemplo, sexualidade, uso de substâncias, violência, mídias sociais, preconceitos de diferentes naturezas, além, é claro, de questões relacionadas ao cuidado de si e do outro, aos modos de viver e sua relação com a saúde individual e coletiva. (LOCH, RECH E COSTA, 2020, p. 3514)

Podemos perceber como os alunos absorvem esses discursos naturalizados de saúde, quando questionados acerca de ser ou não uma pessoa saudável, obtivemos respostas como as seguintes:

Sim, pratico bastante atividades físicas, faço musculação e jogo vôlei. Além de me alimentar bem e beber bastante água. (Aluno A, Questionário inicial, 2021)

Sim, pois eu faço muitos exercícios aeróbicos e anaeróbicos. (Aluno B, Questionário inicial, 2021)

Sim, procurando sempre alcançar novos objetivos na vida, me alimentando de maneira saudável, além de procurar me exercitar regularmente. (Aluno D, Questionário inicial, 2021)

Mais ou menos, a alimentação é saudável desde meus primeiros dias já o exercício físico não é constante. (Aluno E, Questionário inicial, 2021)

Em relação a uma “primeira impressão” nos primeiros contatos com a turma por meio do questionário inicial e da observação participante, notamos que eles se

questionavam e buscavam entender, de uma forma geral, a questões do tipo: (a) Como a saúde influencia na desigual sociedade brasileira?; (b) Qual a importância e influência da EF na sociedade e no campo da saúde? Esses dois apontamentos iniciais permitiram a abertura a uma aprendizagem mais concreta, por entendermos que as dúvidas e questionamentos são essenciais em contextos formativos de aproximação com uma nova temática.

Nos ensaios recebidos ao final do semestre letivo, observamos uma tentativa da turma em buscar alternativas para se pensar para além do senso comum, como diagnosticado no início das atividades semestrais da disciplina, dialogando com os conteúdos no semestre, a exemplo do SUS – Sistema Único de Saúde, dos aspectos teórico-conceituais da saúde coletiva, dos aspectos da Salutogenia como possibilidade à EF escolar etc. Assim, foi possível perceber como alguns temas se sobressaíram aos demais por interesse da turma, como o papel da ciência na formação e no momento da pandemia, a política influenciando todos os setores da sociedade (e a importância de envolver-se com ela, e não o contrário), as *fake News* (notícias falsas), enquanto mediação deletéria à sociedade e gravíssimas implicações a todos os setores (como à saúde), e, também, das relações quanto à saúde e o esporte.

Após esses momentos, esperava-se que os jovens mudassem ou iniciassem uma mudança de pensamento acerca da relação Saúde/EF. Questionados após esses momentos de leituras e discussões estabelecidos na disciplina (nas atividades síncronas e assíncronas), se ocorreram mudanças quanto à concepção inicial de saúde, obtivemos retornos em fase de assimilação, porém, que já se mostraram interessantes do ponto de vista da mudança, como podemos constatar nos exemplos abaixo:

Sim, que saúde não é só apenas a prática de exercícios físicos, vai muito além disso, é social, sabermos como o Estado trata a população menos desfavorecida com ambientes onde pode estimular as práticas, financeiro e saber que a população com menos renda não terá o investimento de para uma alimentação saudável, que é cara, e que a população mais pobre está longe de tudo de uma certa forma a partir de que sua moradia fica distante dos centros. O professor de EF tem que saber que os alunos são diferentes em suas vidas e deve-se ter essa visão na hora de ministrar suas aulas, ser inclusivo e educador além de tudo. (Aluno A, Questionário Final, 2021)

Sim, ocorreram! Saúde é bem mais que um bem-estar de um indivíduo, além de que sua manutenção diária ou periódica é uma necessidade social que poucos tem acesso. (Aluno B, Questionário Final, 2021)

Nesse sentido, percebemos como a disciplina mostrou um diferencial à formação destes(as) futuros(as) docentes, pois nitidamente ocorreu uma mudança de pensamento na forma de compreender a saúde, mesmo com todas as limitações de um ensino remoto emergencial. Destacamos fatores interessantes como a compreensão da saúde como um direito social e as dificuldades que as classes menos favorecidas possuem para ter acesso à saúde, pois não possuem as mesmas oportunidades de prevenção, cuidado e promoção de saúde. Nesse contexto, apoiamo-nos em Scliar (2007), quando o autor cita que:

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. (SCLIAR, 2007, p. 30)

Acerca das atividades estabelecidas na disciplina, questionamos as possíveis relações que agora eles constituiriam entre Saúde, Sociedade e EF. O que nos mostrou uma complementação das ideias apresentadas acima pelo Aluno A e pelo Aluno B, mesmo que ainda de uma forma não muito aprofundada. Vejamos:

Que vai além do que um “corpo” saudável, que a saúde coletiva está ligada com uma série de coisas que vai desde políticas públicas até o autocuidado (Aluno G, Questionário Final, 2021)

São relacionados, pois saúde depende da condição da sociedade que o indivíduo vive, se possuem qualidade de vida. (Aluno H, Questionário Final, 2021)

A saúde não é apenas a prática esportiva, saúde é um conjunto de fatores necessários para que o indivíduo seja considerado saudável e não é apenas de forma biológica, é algo mais abrangente, mas que anda em conjunto com a EF e a sociedade. (Aluno I, Questionário Final, 2021)

Para a turma, a EF agora passaria a ser uma mediação social, bem mais que uma disciplina do contexto escolar que trabalharia com conteúdos práticos, e que enquanto campo de estudo, está presente nas escolas, nas academias, no SUS, ou até no acompanhamento da saúde mental da população. Percebemos, ainda, que a turma ampliou a visão para uma saúde coletiva (comentaram que foi a primeira vez que o conceito/características lhes foram apresentadas) e que a EF é responsável pela

promoção da saúde no âmbito social, desde a criação de políticas públicas de promoção de saúde até o autocuidado.

Dentre esses aprendizados, destacamos a percepção de que a saúde também depende das condições sanitárias em que os sujeitos vivem, bem como, sua qualidade de vida. Sobre isso, Mezzaroba (2012a) faz a seguinte observação:

[...] a Saúde Coletiva amplia o “olhar” sobre as determinações no processo saúde-doença, pois considera aspectos mais amplos da sociedade ao falar de saúde. Não se restringe, portanto, às questões individuais dos “estilos de vida” propagados e adjetivados como “ativos”. Ser ativo, neste novo enfoque, é ser comprometido com questões políticas mais gerais, que tenham relação à qualidade do ambiente de vida da comunidade em que se vive. (MEZZAROBA, 2012a, p. 237)

Questionamos os participantes sobre de que forma a disciplina “Saúde, Sociedade e Educação Física” contribuiu nas suas formações, perspectivando uma futura atuação docente em EF, e como possivelmente estes futuros professores e professoras tematizariam as questões estabelecidas em sala de aula, alcançando algumas respostas, como explicitadas abaixo:

A visão de igualdade e que ninguém é igual foi referência para mim no decorrer da disciplina, terei o olhar de ver que cada criança tem um contexto diferente de vida. (Aluno A, Questionário Final, 2021)

Ter a consciência do que é saúde foi a fundamental contribuição. Irei tematizar sobre os principais problemas de saúde no contexto da turma que estarei ensinando. (Aluno B, Questionário Final, 2021)

Contribuições acerca do SUS e de como tudo começou, desmitificar tudo o que seria Saúde, Sociedade e EF, e trazer convidados que agreguem a isto (Aluno I, Questionário Final, 2021)

Podemos destacar nessas declarações as contribuições no sentido de perceber que os(as) futuros(as) alunos(as) e alunas desses(as) professores(as) em formação possuirão realidades distintas e que devemos observar os seus contextos sociais, culturais, econômicos, entre outros, na elaboração de uma aula de EF que tenha como tema a saúde ou qualquer outro conteúdo que seja trabalhado. Também foi mencionada a possibilidade de ter aprendido sobre a questão histórica do SUS e suas lutas para o avanço da saúde pública brasileira, enquanto direito dos cidadãos e dever do Estado.

Todos esses apontamentos indicam a possibilidade de construção de novos horizontes para se entender e atuar acerca da temática da “Saúde” na escola:

A saúde, que sempre foi entendida apenas como ausência de doença e práticas curativas, hoje é representada muito mais por um conjunto de atitudes e parâmetros que envolvem os indivíduos com ações profiláticas e multiprofissionais. Este entendimento teve a sua evolução na educação física escolar de forma muito parecida, ou seja, de práticas físicas com propósitos básicos de performance, para isso contribuindo com o conceito de que ser fisicamente forte era sinônimo de ser saudável – para práticas refletidas com o atributo de preparo integral do indivíduo, nas quais a participação de diversas áreas do conhecimento é exigida. Esta última ainda está em construção pela área da educação física. (OLIVEIRA, 2004, p. 241)

Como particularidade do período de ensino remoto emergencial, tivemos a utilização das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem. Assistir às aulas por meio das telas de computadores, celulares e *tablets* provavelmente foi um dos maiores desafios para os jovens, ainda mais se considerarmos as dificuldades de acesso a essas tecnologias (já eram caras e inacessíveis antes da pandemia, e com ela, ficaram mais caras). Outro fator limitador observado no modo remoto se refere às conexões de internet, muitas vezes precárias, instáveis e de baixa velocidade/capacidade.

Nesse sentido, questionamos sobre as principais contribuições e dificuldades encontradas quanto ao uso das tecnologias no acompanhamento das aulas de forma geral. No que se refere às contribuições e possibilidades, tivemos as seguintes avaliações dos jovens participantes:

Elas contribuíram, pois vejo que sem o uso delas ficaríamos impossibilitados de voltar aos estudos e, mesmo no ensino emergencial, consegui obter algum aprendizado (Aluno C, Questionário, 2021)

De certa forma ajudou e muito principalmente as pessoas que têm dificuldades de locomoção, que moram distantes ou até por questões financeiras, pois os gastos com passagem e almoço serviram para algumas necessidades básicas, além de podemos assistir às aulas em qualquer lugar (Aluno D, Questionário, 2021)

O ensino remoto de certa forma ajuda pela praticidade, pelo conforto e segurança da nossa casa (Aluno I, Questionário, 2021)

Com a exceção de um aluno, que avaliou que “[...] particularmente preferia o [modo] presencial” (Aluno E, Questionário, 2021), de forma geral, percebemos o quanto a turma foi favorável ao uso das tecnologias neste cenário remoto, certamente compreendendo as dificuldades do momento pandêmico e considerando que seria a única forma possível de manter os estudos, mesmo em um cenário de incertezas e

insegurança, causado pela pandemia de covid-19. Entretanto, buscamos compreender também quais foram as dificuldades encontradas por eles durante esse período, e obtivemos as seguintes respostas:

O longo uso do computador que em alguns momentos foi cansativo. (Aluno A, Questionário Final, 2021)

Ter que usá-las em lugares confortáveis, ficando assim sem foco. (Aluno B, Questionário Final, 2021)

As dificuldades que obtive estão relacionadas com a desconexão frequente da internet nos períodos de chuva, além do equipamento ter alguns problemas internos. (Aluno C, Questionário Final, 2021)

O contato com o Docente e Discentes para tirar dúvidas, aulas práticas, interação com colegas de outros períodos, trabalhos em equipes etc. (Aluno D, Questionário Final, 2021)

Principal dificuldade com certeza foi a falta de equipamento, somente na reta final do período comprei um novo notebook e consegui acompanhar melhor os conteúdos gravados. (Aluno E, Questionário Final, 2021)

A internet que às vezes caía. (Aluno F, Questionário Final, 2021)

De maneira geral, observamos que essas colocações se relacionam àquilo que os agentes do campo educacional brasileiro mais constataram durante o período de ensino remoto emergencial, isto é, as dificuldades em relação ao acesso aos dispositivos tecnológicos com mínima qualidade (computadores, celulares, *tablets* etc.) e as dificuldades com a qualidade e velocidade da internet, que são decorrentes de um contexto de dificuldades socioeconômicas do conjunto da população brasileira. E, como se evidenciam nas respostas acima, as implicações corporais desse modo remoto, ou seja, os longos períodos sentados em frente às telas, acarretando problemas físicos (coluna, pernas, olhos, lesões nos membros superiores etc.) e até mesmo, de saúde mental (ansiedade, pressões etc.).

Quando estamos estudando e discutindo “saúde”, em plena pandemia, tais questões apresentam-se como temáticas potenciais para as aulas, no sentido de pensar nas relações entre saúde e doença, entre saúde e sociedade, e, também, sobre como a EF pode problematizar a saúde em seus diferentes contextos.

Como constatamos nas aulas e como vimos em alguns relatos acima, nem todos(as) possuíam as condições ideais para estudar. Por isso, é importante também ensinar ao futuro professor ou professora a construção de uma sensibilidade para lidar

com as dificuldades do “outro”, nesse caso, dos seus futuros alunos e alunas. Sensibilidade de educar criticamente para uma cidadania nas escolas, também com o uso dessas tecnologias:

Educar para a cidadania na escola envolve inclusão, trabalho transversal entre as disciplinas, cooperação, desenvolvimento de identidades complexas, interação com o território, pertencimento ao contexto local, nacional e global. (FANTIN, 2011, p. 29)

Como último questionamento, buscamos saber, ao final da disciplina, como essa turma futuramente almeja utilizar as tecnologias em sala de aula com os seus futuros alunos e alunas, visto que elas estavam diretamente relacionadas aos aprendizados e conteúdos do semestre. Apresentamos algumas respostas:

Tentaria usar a tecnologia ao meu favor, visto que os meus futuros alunos iriam estar muito mais antenados do que os de hoje. Iria usar principalmente jogos para que o interesse por parte deles aumentasse. (Aluno E, Questionário Final, 2021)

Sempre levando materiais lúdicos e usando as tecnologias existentes a meu favor, por exemplo *TikTok*, *WhatsApp*, *Instagram* entre outros. (Aluno G, Questionário Final, 2021)

Com certeza, principalmente as abordagens em relação aos trabalhos que de certa forma ajudou bastante aos alunos para a prática da escrita e do pensamento. (Aluno I, Questionário Final, 2021)

Dentre as possibilidades de utilização das tecnologias, vemos a utilização de jogos, que aqui poderia ser entendida como uma sugestão de *gamificação*⁹. A utilização de redes sociais também se destaca, visto que são rotineiramente utilizadas por jovens de todas as faixas etárias, bem como, a visão das tecnologias como prática da escrita e do pensamento, a partir de plataformas específicas. Sobre esse contexto comunicativo nas futuras práticas docentes em EF, percebemos interessantes perspectivas, pois, como nos explica Fantin (2011):

[...] a comunicação é imprescindível para a educação, pois toda prática educativa é uma prática também comunicativa, a comunicação faz parte da educação e, neste sentido, “não existe educação sem comunicação”. (FANTIN, 2011, p. 28)

A partir da observação e dos questionários, percebemos também que os alunos acabaram naturalizando o uso das tecnologias, a exemplo do audiovisual nas aulas, pois quase nenhuma resposta partiu de uma ideia crítica acerca da utilização dos filmes, em

que identificamos apenas uma resposta, de cunho descritivo, com os dizeres de que: “os filmes reforçaram muito o que vimos” (Aluno G, Questionário Final, 2021).

De acordo com o que observamos em meio aos dados, embora notemos uma utilização ainda muito pautada na lógica de instrumento auxiliar, percebemos como as tecnologias já são avistadas (de forma embrionária) como elementos de aprendizagem para esses estudantes que ainda estão em uma fase inicial de formação docente.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das diversas dificuldades enfrentadas durante o período de pandemia, percebemos o quanto a disciplina pôde contribuir na formação de professores e professoras de EF. Constatamos que é possível realizar uma mudança de percepção/compreensão quanto à ideia inicial que estes sujeitos possuíam acerca da temática saúde, ampliando o olhar (por meio das mais diversas estratégias de ensino) e construindo novas perspectivas, partindo de uma perspectiva ampla do conceito de saúde como direito social, tendo a realidade social como importante elemento que gera exemplos, discursos, práticas e discussões possíveis.

As tecnologias também foram importantes neste processo de isolamento social em relação às formações, pois permitiram, embora com limitações, a realização das atividades da disciplina e o contato dos/as alunos/as com o professor. As discussões estabelecidas possibilitaram uma perspectiva atenta desses/as alunos/as para com as tecnologias, avistando possibilidades de uso das mesmas em suas futuras atuações docentes, com o uso do audiovisual nas aulas, por exemplo, como algo já “naturalizado”.

O relato de experiência evidencia a necessidade de problematizar a temática da saúde na formação inicial de professores/as de EF escolar. Os jovens estudantes trazem consigo uma perspectiva reduzida sobre o tema da saúde na EFE, ancorados numa cultura corporal de movimento limitada à concepção higienista e esportiva, que considera os fatores comportamentais como únicos responsáveis pela condição de saúde. Embora poderíamos estar em outro patamar de compreensão sobre essa discussão (devido às importantes contribuições da Saúde Coletiva na EF, por exemplo), o problema é continuarmos observando professores e professoras de EF sendo formados e mantendo esse discurso que implica em práticas descontextualizadas em relação à realidade brasileira.

Certamente a disciplina de “Saúde, Sociedade e Educação Física” colocou-se como um importante fator de mediação formativa que, com sua configuração, pautada na metodologia e nos conteúdos aqui apresentados, procurou pautar uma discussão ampliada de saúde na EF, embora, como vimos, permite uma desestabilização quanto a senso comum e uma assimilação de novos saberes e conceitos, mas não uma consolidação de todas essas relações porque isso demandaria estudos longitudinais.

É necessário reconhecer que várias limitações foram/são visíveis nesse trabalho pedagógico, seja por não ter sido concretizada em seu contexto presencial (por exemplo, pelo fato dos alunos não terem acesso aos livros da Biblioteca; de não ter a presencialidade em si; de não realizarem os trabalhos de forma coletiva; de não ter havido aulas práticas; de não ter outras disciplinas que deram prosseguimento às discussões sobre saúde); de não termos tido eventos que complementaríamos conteúdos/temas da disciplina (a exemplo do evento semestral “Cinema, Corpo e...”, que às vezes seleciona temáticas voltadas à saúde e exibe filmes com convidados – sobre isso, ver DANTAS JÚNIOR *et al.*, 2019); bem como, considerando também as dificuldades pessoais de cada aluno/a com os dispositivos tecnológicos, com a conexão de internet, com o contexto socioeconômico (muitos tiveram que ajudar suas famílias e deram prioridade ao trabalho informal, “virando-se” de um jeito ou de outro com os estudos).

Após as intervenções na disciplina, realizadas com auxílio de materiais audiovisuais, leituras de textos diversos, discussões e produção textual, percebemos uma mudança na postura dos/as futuros professores/as, construindo uma perspectiva e conceituação ampliada da saúde e de sua relação com a EFE para além dos fatores comportamentais e físicos/orgânicos. Essa postura contribuiu quanto a uma educação voltada à cidadania e pertencimento real, ao fomentar nos estudantes da educação básica a reflexão e criticidade sobre os discursos sobre a saúde e sobre a relação causa/efeito da atividade física/práticas corporais; sobre as políticas públicas de saúde destinadas à população (quanto à prevenção, cuidado e promoção da saúde), bem como, nos aspectos concernentes à vulnerabilidade social e as possibilidades, potencialidades e limitações da EF nesse cenário, considerando os aspectos dos determinantes sociais da saúde.

REFERÊNCIAS

BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana; (org.). **A saúde em debate na Educação Física volume 1**. Blumenau, SC: Edibes, 2003.

BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana; (org.). **A saúde em debate na Educação Física volume 2**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2006.

BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre (org.). **A saúde em debate na Educação Física volume 3**. Ilhéus, BA: Editora da UESC, 2007.

BARROS, Jofre Vinícius; SANTOS, Leonardo dos; GARCIA, Luciana Caroline Pina; SANTANA, José Roberto de; MEZZARROBA, Cristiano. Educação Física e saúde: por que ampliar o conceito e pensar em novas possibilidades pedagógicas? Reflexões a partir de experiências com a Saúde Coletiva e Salutogenia. *In*: DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; KUHN, Roselaine; ZOBOLI, Fabio; MEZZARROBA, Cristiano. **Educação Física, Esporte e Sociedade: temas emergentes**. v. 6. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2013. p. 98-119.

BRACHT, Valter. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 2ª. ed. Ijuí: Unijuí, 1999.

CALDAS, Geovanna Renaiça Ferreira *et al.* Determinantes e condicionantes da saúde x patologias. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 11, pág. e78101119045, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19045>. Acesso em: 6 mar. 2022.

CARVALHO, Yara Maria de. **O “mito” da atividade física e saúde**. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar; ZOBOLI, Fabio; MEZZARROBA, Cristiano; SILVA, Renato Izidoro da. Cinema e formação de professores de Educação Física: relatos de experiência com seminários de cinema na Universidade Federal de Sergipe. **Cocar**, Belém, edição especial n.5, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2349>. Acesso em: 03 mar. 2022.

DEVIDE, Fabiano Pries. Educação Física, qualidade de vida e saúde: campos de intersecção e reflexões sobre a intervenção. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n.2, p.77-84, maio/ago. 2002.

FADEL, Luciane; ULBRICHT, Vania. Educação Gamificada: valorizando os aspectos sociais. *In*: FADEL, Luciane; ULBRICHT, Vania; BATISTA, Claudia; VANZIN, Tarcísio. **Gamificação na Educação**. São Paulo: Pimenta cultural, 2014. p. 6-10.

FANTIN, Monica. Mídia-educação: aspectos históricos e teórico-metodológicos. **Olhar de Professor**, v. 14, n. 1, p. 27-40, 2011. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>. Acesso em: 03 mar. 2022.

FRAGA, Alex Branco; WACHS, Felipe (org.). **Educação Física e Saúde Coletiva: políticas de formação e perspectivas de intervenção**. 2ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

FREITAS, Fabiana Fernandes de. **A Educação Física no serviço público de saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

LOCH, Mathias Roberto; RECH, Cassiano Ricardo; COSTA, Filipe Ferreira. A urgência da Saúde Coletiva na formação em Educação Física: Lições com o COVID-19. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 25, n. 9, p. 3511-3516, 2020. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-urgencia-da-saude-coletiva-naformacao-em-educacao-fisica-liceos-com-o-covid19/17618?id=17618>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MANTOVANI, Thiago Villa Lobos; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A relação entre saúde e educação física escolar: uma revisão integrativa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. e27008, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/106792>. Acesso em: 03 mar. 2022.

MEZZARROBA, Cristiano. Ampliando o olhar sobre saúde na educação física escolar: críticas e possibilidades no diálogo com o tema do meio-ambiente a partir da saúde coletiva. **Motrivivência**, v. 38, n. 24, p. 231-246, 2012a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n38p231>. Acesso em: 03 mar. 2022.

MEZZARROBA, Cristiano. Saúde na Educação Física: compreensões, reflexões e perspectivas a partir de um conceito amplo e social de saúde. *In*: ZOBOLI, Fabio; DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira; KUHN, Roselaine. **Educação Física, Esporte e Sociedade: temas emergentes**. v. 5. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2012b. p. 25-42.

OLIVEIRA, Amauri. O tema saúde na Educação Física Escolar: uma visão patogenética ou salutogenética. *In*: **Intercâmbios científicos internacionais em educação física e esportes**. KUNZ, Elenor; HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. (org.). Ijuí: Unijuí, 2004. p. 241-260.

OLIVEIRA, Victor José Machado de. **Educação Física para a saúde: uma aposta em (form)ação**. Curitiba, PR: CRV, 2022.

PALMA, Alexandre. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 2, p. 23-39, 2001.

PALMA, Alexandre; BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana. Análise sobre os limites da inferência causal no contexto investigativo sobre “exercício físico e saúde”. *In*: BAGRICHEVSKY, Marcos; PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana; (orgs.). **A saúde em debate na Educação Física volume 1**. Blumenau, SC: Edibes, 2003. p. 33-51.

SCLIAR, Moacir. História do conceito de saúde. **Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/?lang=pt>. Acesso em: 25 fev. 2022.

SILVA, Bruno Vasconcellos; CAPARRÓZ, Francisco Eduardo; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro. A produção de imaginários sociais nas aulas de educação física e seus efeitos na formação inicial de professores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 10, n. 3, p. 842–856, 2015. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8095>. Acesso em: 03 mar. 2022.

¹ O texto contou com apoio do Edital n. 06/2022/PPGED/PROAP/UFS – Programa de Apoio ao Pesquisador à Pós-Graduação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

² Plataforma *online* de videochamadas da *Google*.

³ Plataforma *online* de gerenciamento de turmas da *Google*.

⁴ Sistema Integrado de Gestão Acadêmica da Universidade Federal de Sergipe.

⁵ Plataforma para elaboração de formulários *online* da *Google*.

⁶ Nesse questionário, as perguntas eram centradas em reconhecer a turma, suas experiências (positivas e negativas) nas aulas de educação física escolar, quais as concepções de saúde até aquele presente

momento, possíveis relações iniciais entre saúde, sociedade e EF e expectativas de aprendizado, bem como questões relacionadas as tecnologias, sobre quais e como a turma faz os seus usos.

⁷ Nesse segundo questionário, as perguntas eram centradas em identificar possíveis mudanças de concepções quanto a saúde, as contribuições da disciplina em uma futura atuação docente, as contribuições e dificuldades enfrentadas com relação ao uso e acesso das tecnologias durante um semestre remoto e como podem ser utilizadas futuramente por eles (as).

⁸ Portal sobre Determinantes Sociais da Saúde (DSS). Disponível em: <https://dssbr.ensp.fiocruz.br/glossary/determinantes-sociais-da-saude/>. Acesso em: 06 mar. 2022.

⁹ “O termo gamificação compreende a aplicação de elementos de jogos em atividades de não jogos” (FADEL; ULBRICHT, 2014, p. 6).

